



Dinâmicas urbano-regionais no sul e no sudeste paraense: a reprodução das lógicas do agronegócio na cidade de Marabá-PA

Urban-regional dynamics in the south and southeast of Pará: the reproduction of agribusiness logic in the city of Marabá-PA

Dinâmicas urbano-regionales en el sur y sureste de Pará: la reproducción de lógicas agroindustriales en la ciudad de Marabá-PA

Lucas Nascimento de Almeida¹  <https://orcid.org/0000-0001-9129-1963>

Hugo Rogério Hage Serra¹  <https://orcid.org/0000-0002-4026-8437>

1 Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)  Marabá (PA), Brasil

Autor de correspondência: serra@unifesspa.edu.br

Recebido: 09 Jul. 2024. Aceito: 20 Ago. 2024

Editor de seção: Hugo Rogério Hage Serra  <https://orcid.org/0000-0002-4026-8437>

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a reprodução do agronegócio no sul e sudeste paraense, com ênfase na cidade de Marabá. Parte-se do entendimento de que a cidade de Marabá pode não ser uma típica cidade do agronegócio a exemplo de outras praças urbanas que tiveram suas economias modificadas por esse fenômeno; todavia, a paisagem da cidade de Marabá-PA tem sido alterada significativamente devido a ela ser uma cidade média na Amazônia Oriental. A base metodológica do trabalho é resultado de trabalho de campo feito em estabelecimentos típicos do agronegócio, bem como de ampla revisão de literatura sobre o tema. Buscou-se, também, entrevistas com agentes-chave do setor agropecuário, privados e públicos, que entendem a importância de Marabá no cenário econômico regional. Ressalta-se, por fim, que a atividade do agronegócio, ainda que não seja a principal fonte de divisas do município, tem marcado significativamente a cidade em seus aspectos materiais, bem como os intangíveis, os quais se expressam na paisagem da cidade.

Palavras-chave: Agronegócio. Espaço urbano. Cidade média. Amazônia. Marabá-PA.

Abstract

This paper aims to analyze the reproduction of agribusiness in the southern and southeastern regions of Pará (Amazon), with a particular focus on the city of Marabá (PA). It is postulated that the city may not be a prototypical agribusiness center, akin to other urban areas that have undergone economic transformation as a result of this phenomenon. However, the urban landscape of Marabá (PA) has been profoundly shaped by its status as a mid-sized city situated within the Eastern Amazon. The methodology employed in this study is based on two main sources of data: first, fieldwork conducted in agribusiness establishments representative of the sector; and second, a comprehensive review of the existing literature on the subject. Additionally, interviews were conducted with key stakeholders in the agricultural sector, including private and public entities, who recognize the significance of Marabá (PA) within the regional economic context. It is noteworthy that while agribusiness is not the municipality's primary source of foreign currency, it has profoundly influenced the city in both tangible and intangible ways, evident in the city's landscape.

Keywords: Agribusiness. Urban space. Amazon. Marabá city.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar la reproducción del agronegocio en las regiones sur y sudeste de Pará (Amazonia), con un enfoque particular en la ciudad de Marabá (PA). Se postula que la ciudad puede no ser un centro prototípico de agronegocios, al igual que otras áreas urbanas que han experimentado una transformación económica como resultado de este fenómeno. Sin embargo, el paisaje urbano de Marabá (PA) ha sido profundamente moldeado por su condición de ciudad de tamaño medio situada dentro de la Amazonia Oriental. La metodología empleada en este estudio se basa en dos fuentes principales de datos: en primer lugar, el trabajo de campo realizado en establecimientos agroindustriales representativos del sector; y en segundo lugar, una revisión exhaustiva de la bibliografía existente sobre el tema. Además, se realizaron entrevistas con actores clave del sector agropecuario, incluyendo entidades privadas y públicas, que reconocen la importancia de Marabá (AP) en el contexto económico regional. Se destaca que, aunque el agronegocio no sea la principal fuente de divisas del municipio, ha influido profundamente en la ciudad de forma tangible e intangible, evidente en el paisaje de la ciudad.

Palabras clave: Agronegocio. Espacio urbano. Amazonia. Ciudad de Marabá.

Introdução

Nas últimas décadas, o Brasil passou por profundas reestruturações econômicas que afetaram todos os setores, incluindo o agropecuário. Esse processo culminou na disseminação do agronegócio globalizado em grande parte do território brasileiro. Essas transformações são responsáveis pela inserção de novas dinâmicas socioespaciais, contribuindo para a (re)estruturação dos espaços agrícolas, urbanos e regionais em várias partes do país.

Com o processo de modernização da agricultura a partir da incorporação do meio técnico-científico e informacional, as economias urbana e agrária passam a se integrar de forma mais intensa e complexa. Isso ocorre uma vez que se desloca a regulação da produção agrícola do campo para a cidade. Essa modernização imposta à agricultura modifica as tradicionais relações campo-cidade à medida que intensifica a divisão territorial do trabalho e a especialização produtiva. Diante disso, o processo de urbanização passa a ser influenciado pelas dinâmicas produtivas do agronegócio (Coy, 2020; Elias e Pequeno, 2007).

O agronegócio globalizado é caracterizado pelo aumento da densidade técnico-científico-informacional no espaço agrícola. Isso resulta em diversas temáticas relevantes para os estudos geográficos, como o adensamento das relações campo-cidade, alterações na divisão social e territorial do trabalho e o avanço da urbanização na sociedade e no território. Nesse contexto, Santos (1993) descreve a mecanização da agricultura, ou ainda, uma agricultura científica, em que a realidade agrícola do campo é invadida por valores da globalização. Esses elementos combinados são potencializados pela financeirização do território (Santos, 2000).

Nas áreas de inserção recente na nova dinâmica capitalista, especialmente em áreas de fronteira, como a região Amazônica, há uma crescente demanda por espaços urbanos diretamente vinculados ao agronegócio. Conforme aponta Becker (1990), com a expansão da agricultura científica, esta se torna parte do território. As fronteiras recentemente inseridas nessa lógica passam a necessitar de espaços urbanos de diferentes tamanhos e funcionalidades para subsidiar a produção agrícola. A dimensão global do agronegócio, nesses termos, é aprofundada quando as formas espaciais de espaços urbanos – tais como as cidades médias – já possuem algum grau de modernização do território, visto que, historicamente, as cidades médias possuem um nível de representatividade econômico-política que induz a uma maior dimensionalidade do agronegócio.

No Sul e no Sudeste do Pará, o fenômeno urbano tem ganhado novos contornos do que está em discussão nesta pesquisa, qual seja a lógica de reprodução dos espaços urbanos voltados ao agronegócio, algo ligado a uma agricultura não apenas mecanizada, mas, também, científica, nos moldes conceituais do qual Santos (1993) e Elias (2003) se propõem a analisar. Neste ínterim, a cidade de Marabá apresenta condições significativas que apontam para um desenvolvimento de uma lógica de reprodução urbana do agronegócio, re-situando a cidade como um importante *lócus* de reprodução desse tipo de economia que segue padrões agrário-exportadores, ainda que a própria cidade não seja dependente exclusivamente do setor agrícola.

O conceito de cidade do agronegócio surge como uma atualização do conceito de cidade do campo, proposto por Milton Santos (1988 e 1993). O conceito de cidade do campo foi utilizado até o final dos anos 1990. No entanto, com o advento da mecanização do campo e a substituição de uma agricultura técnica por uma agricultura científica, a autora Denise Elias (2005, 2006, 2007, 2010 e 2012), com base no conceito de cidade do campo, propõe o conceito de cidade do agronegócio. Essa atualização busca evidenciar os agentes e os interesses associados à produção dessas cidades, aproximando o conceito da realidade atual.

As cidades do agronegócio concentram uma variedade de produtos e serviços relacionados ao agronegócio globalizado, incluindo-se: a comercialização de grãos, sementes, agrotóxicos, fertilizantes, máquinas e equipamentos agrícolas. Além disso, ofertam-se serviços como assistência técnica especializada, escritórios administrativos, cartórios e transporte/logística de grãos e outros produtos agrícolas (Elias, 2011).

A metodologia da pesquisa envolve três principais procedimentos: revisão bibliográfica, levantamento de dados primários e secundários e entrevistas com agentes produtores do espaço urbano. Na revisão bibliográfica, são analisadas as relações campo-cidade e rural-urbano, com foco na lógica de reprodução do agronegócio na cidade. O levantamento de dados primários envolveu coleta de dados georreferenciados (GPS) para mapear os estabelecimentos relacionados ao setor agropecuário em Marabá, permitindo entender como a economia do agronegócio se fixa no espaço urbano. Por fim, as entrevistas com agentes produtores visam compreender suas estratégias e influência na cidade. Essa abordagem integrada entre aspectos qualitativos e quantitativos proporciona uma visão mais completa das interações entre cidade e agronegócio.

Considera-se que Marabá, cidade mais importante do sul e do sudeste paraense, tem reproduzido uma lógica particular de cidades do agronegócio, embora não seja, em sua totalidade, uma consolidada cidade do agronegócio, como ocorre em realidades brasileiras como Ribeirão Preto (SP), Luís Eduardo Magalhães (BA) ou Balsas (MA). Marabá expressa, em diversas formas espaciais, manifestações típicas, como as agrolojas, que indicam que parte considerável da economia do agronegócio tem na cidade e no urbano sua condição, meio e produto das relações socioeconômicas (Lefebvre, [1971] 2006) moldadas por esse fenômeno. Além disso, a dimensão cultural 'agro' permeia as ações econômicas do setor na cidade e na região onde ela se insere. Acredita-se também que haja uma tendência de territorialização dos serviços direcionados ao setor agropecuário no espaço urbano de Marabá, e que os agentes do circuito superior do agronegócio desempenham um papel relevante na economia e na configuração espacial da cidade.

É importante destacar que este trabalho é, em parte, resultado da pesquisa de iniciação científica, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará – Fapespa, edital N° 003/2021, que esta está vinculada ao projeto proposto e coordenado pelo Prof. Dr. Hugo Rogério Hage Serra, vinculado ao Laboratório de Estudos Regionais e Agrários do Sul e Sudeste do Pará – Lerassp, no âmbito da Faculdade de Geografia do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa. (Não sei se deve permanecer)

A justificativa do desenvolvimento desta pesquisa surge pela importância de se compreender os desdobramentos das transformações recentes da agricultura no campo e na cidade, em especial na cidade de Marabá. Este estudo se torna relevante para averiguar o movimento do capital do campo - sua reprodução nas cidades, de acordo com as ideias de Elias (2005, 2006, 2007, 2010, 2012, 2015, 2016, 2022 e 2023). Não se busca identificar as cidades do agronegócio, no sentido de reafirmá-las na realidade paraense, justamente porque, de acordo com as ideias de Elias (2007), esse tipo de cidade é definido por um intenso processo de modernização do campo, marcando o que a autora afirma estar baseado na agricultura científica.

Nesses termos, a estrutura deste trabalho está dividida da seguinte forma, além da introdução e conclusão. São propostas três seções: a primeira delas contextualiza o processo de mecanização da agricultura no Brasil, na qual o território do campo brasileiro sai de uma condição agrária técnica para uma condição agrária técnico-científica, de acordo com as contribuições analíticas de Milton Santos. Na segunda seção o debate evidencia os principais impulsionadores que estão por trás da crescente demanda por commodities oriundas do setor do agronegócio. Ressalta-se o papel fundamental desempenhado por

Marabá e pelo sudeste paraense dentro dessa dinâmica. Por fim, a última seção elucida o papel desempenhado pelo espaço urbano de Marabá, visto que, a cidade concentra produtos e serviços especializados para o subsídio do agronegócio regional, e desta forma, sendo capaz de atrair intensos fluxos econômicos.

O fenômeno do agro no território brasileiro

No atual cenário da economia brasileira, não há dúvidas de que setor agrícola/agropecuário é um dos que mais se destaca, diversos setores da economia têm passado por um processo de reestruturação produtiva face à globalização (Diniz, 2007). Este setor tem se caracterizado por um intenso processo de modernização, visando à inserção no mercado internacional da economia capitalista na fase atual de mundialização. Essa modernização tem transformado os espaços econômicos do agronegócio e acabam por formar manchas no território, espalhando-se pelo país, chegando a lugares de reserva, principalmente às regiões da Amazônia, do Nordeste e do Centro-Oeste. Atualmente, essas regiões estão se inserindo na agropecuária globalizada, marcadas principalmente pela produção de *commodities* como soja, cana-de-açúcar e milho.

O Brasil é um país de dimensões continentais, de grande diversidade socioeconômica e cultural. Para compreender melhor essa complexidade, alguns geógrafos propuseram formas de regionalizar o território brasileiro, levando em conta diferentes critérios. Uma dessas propostas é a de Milton Santos e de Maria Laura Silveira, que se baseiam na análise dos meios técnicos-científicos e informacionais e dos fluxos que eles possibilitam. No mapa abaixo (figura 1), podemos ver como os autores dividem o Brasil em quatro regiões, de acordo com o grau de integração e participação desses meios e de fluxos na dinâmica territorial. Essas regiões são chamadas de “quatro Brasis”, elas refletem as desigualdades e contrastes que marcam o espaço geográfico brasileiro (Santos e Silveira, 2001).

Figura 1. Regionalização proposta por Santos e Silveira (2001).



Fonte: Elaboração própria com base em Santos e Silveira (2001).

No exercício de compreensão do mapa (figura 1), é importante ter em mente que a economia agrícola exerce um movimento de centrifugismo no território brasileiro, representado pelos semicírculos em vermelho, partindo da região concentrada para as áreas

de fronteira, inicialmente, o Centro-Oeste, e, posteriormente, a Amazônia e o Nordeste. Junto a essa expansão das áreas plantadas, os capitais financeiros nacionais e internacionais, aglutinados na região concentrada passam a se descentralizar territorialmente e a se re-territorializar nessas áreas, nas quais estão sendo produzidas as *commodities* internacionais. Cabe ressaltar que essas grandes extensões de monoculturas necessitam de uma centralização urbana, pois são nas cidades que se concentram os produtos e serviços que dão subsídios às atividades do agronegócio moderno (Volochko, 2013).

Ressalta-se que o Centro-Oeste do Brasil foi à primeira área de fronteira para o avanço do agronegócio, que parte da região concentrada; deste modo, é onde a agricultura científica se tornou hegemônica sobre os demais tipos de atividade agropecuária; posteriormente, após consolidada a expansão agrícola no Centro-Oeste brasileiro, adentra-se nas demais regiões brasileiras, a exemplo do Nordeste e da Amazônia, nas quais a agricultura científica e a produção do agronegócio se dão de maneira pontual e fragmentada. Ressalta-se, novamente, que, paralelamente a esse processo, ocorre um extenso aumento das áreas urbanizadas das pequenas e médias cidades presentes nessas regiões produtivas agrícolas, pois se cria a necessidade de transformar esses espaços na pretensão de centralizar a gestão da agropecuária moderna; neste ínterim, as cidades do agronegócio contam com áreas urbanas onde o setor agropecuário, em particular, sobressai-se sobre às outras atividades econômicas presentes; portanto, as demandas do agronegócio globalizado são hegemônicas no território onde esse fenômeno ocorre. Elias (2022) reforça que as cidades do agronegócio se configuram em um “nó fundamental na rede de relações econômicas, sociais, políticas e de logística do agronegócio” (Elias, 2022, p.146). Toma-se como exemplos de cidades do agronegócio: Luís Eduardo Magalhães, no Oeste baiano; Balsas, no Maranhão; Rio Verde em Mato Grosso, etc. (Elias, 2005, 2006, 2007, 2010, 2012, 2015, 2016, 2022).

Nessa lógica, Elias (2013) nomeia esses espaços urbanos, como cidades do agronegócio, que possuem a funcionalidade da reprodução do agronegócio. Vale enfatizar, acompanhando o pensamento de Volochko (2013), que a dinâmica desses espaços urbanos centraliza as atividades de gestão dos espaços agrários inerentes ao agronegócio. A centralização é marcada principalmente pela concentração da técnica (insumos, maquinários, agrotóxicos, etc.). Além disso, ela também é política, pois é na cidade que são fomentadas as políticas públicas que visam o incentivo ao desenvolvimento das atividades agrícolas.

A partir dos anos 1970 e 1980, inicia-se uma modernização da atividade agrícola. Essa modernização se difunde a partir da chegada do que Milton Santos nomeia “meio técnico-científico”, marcado pelos avanços tecnológicos (Santos 1993, 1994, 1996, 2000, 2001). Dentro desse contexto, o espaço agrário passa a dotar de grandes mudanças resultantes dos acréscimos técnicos, destacando-se: as infraestruturas de irrigação, os grandes maquinários, insumos ao solo, sementes modificadas etc. Esses fatores culminaram no surgimento de um novo uso do tempo e um novo uso da terra. Além disso, foram criadas formas de trabalho que substituem a tradicional mão-de-obra rural (Santos e Silveira, 2000; Elias, 1996; Graziano da Silva, 1981).

Deste modo, a modernização da agricultura se espalha por todo o território brasileiro até chegar à Amazônia paraense, na qual a porta de entrada para a difusão de projetos tecnológicos de agricultura foi à região do Sudeste do Pará (em um primeiro momento de avanço da fronteira), o *locus* da pesquisa aqui desenvolvida, no qual, passa por mudanças significativas, o que diz respeito ao quesito ‘atividades econômicas e produtoras’ (Santos e Silveira, 2000).

Nos últimos anos, a Amazônia passou por transformações tanto no campo quanto nas cidades. A região adotou uma tendência de modernização cada vez mais severa, sendo mais visível nas áreas onde ocorrem as atividades agropecuárias modernas. O que antes era presente, o modo de vida simples e obsoleto em relação à cidade, é atualmente ocupado por grandes maquinários e novas técnicas de produção. Esse contexto é marcado pela conformação do meio técnico-científico e informacional no espaço agrário brasileiro, o que adota não mais uma agricultura moderna, mas sim uma agricultura científica (Santos 1994). Na Amazônia, essa expressão concreta da agricultura científica não pode ser tida como uniforme, e sim como fragmentada, visto que se convivem de forma contraditória e combinada na região, movimentos de modernização da agricultura com movimentos mais tradicionais. Estes últimos, diga-se de passagem, estão à revelia do processo de melhorias das condições de trabalho e podem ser classificados como espaços contra-hegemônicos, tal como afirma Miranda (2017).

Conforme as leituras feitas a partir de Becker (2010) reforça-se que a globalização influencia de forma determinante os conteúdos dados à região. A autora compreende que a organização da fronteira amazônica se deu via um padrão linear, portanto por meio da criação de rodovias, o que intensifica a fluidez territorial. Todavia, cabe elucidar que o chamado “arco do povoamento” se difere em características de uma região de fronteira, posto que ele é definido como um espaço no qual a fronteira agropecuária se encontra em processo de consolidação.

Com base nas ideias expostas, verifica-se que grande parte do território rural do Brasil passou por uma mudança temporal devido à introdução de práticas e técnicas mais intensivas, originadas da expansão do capital pela fronteira agrícola. Esse processo ocorre em função da modernização técnica e científica da agricultura, bem como do processamento dos produtos do campo, configurando uma industrialização do campo (Graziano da Silva, 1994). Delgado (2012) complementa que essa integração entre a agricultura e a indústria propiciou uma crescente inserção do capital financeiro no setor por meio de financiamento via crédito rural, ofertado pelas ações estatais. Ressalta-se que a modernização do campo, do ponto de vista técnico-científico, foi seletiva quanto aos produtos, restringindo-se, sobretudo, às *commodities* agrícolas mais rentáveis e, quanto ao espaço, limitando-se a determinadas áreas do Brasil; ou seja, a mecanização da agricultura brasileira não se deu de forma homogênea pelo território.

Nos últimos anos, observam-se novas dinâmicas no campo brasileiro, caracterizadas principalmente pela urbanização. Graziano da Silva (1997) defende a ideia de que o espaço agrário não pode ser mais visto associado às atividades agrícolas como historicamente o fora, pois o campo passou por profundos processos de modernização, principalmente na agricultura ligada ao circuito superior da economia e em pequenas parcelas da agricultura familiar, o que inclui, ainda, a concepção de Alentejano (2003), que advoga a existência de uma dualidade no processo de urbanização do espaço agrário brasileiro: uma ligada à expansão da lógica de produção urbana para os setores modernizados da agricultura evidente, principalmente, nas chamadas “cidades do agronegócio” - e a outra, que é a expansão de atividades tipicamente urbanas para as áreas onde a agricultura mecanizada não se implantou.

No intuito de sintetizar tais processos, utilizam-se os estudos de Castilho (2016), que afirma, a partir dos fatores apresentados anteriormente, que as relações campo-cidade se tornam mais adensadas e complexas. As relações entre esses espaços passam a produzir e receber um grande montante de fluxos de matéria e informação, esse contexto corrobora em uma reordenação espacial, agrícola, urbano qualificadamente e regional.

É nesse contexto que surgem novas relações urbano-rurais, pois as transformações nas relações sociais de produção estão intrinsecamente vinculadas ao movimento de

mudança colocado em ação pelo desenvolvimento socioeconômico de uma sociedade e são elas que ditam as ações do mercado global.

Com essas transformações à tona no espaço rural amazônico, a cidade também passa a ganhar novos papéis dentro desse contexto, cada vez mais ligadas aos atores nacionais e globais. No bojo desse processo, é possível compreender a ideia de centralização urbana, o que é comumente visto nos territórios nos quais o agronegócio está associado; todavia, na fronteira amazônica, essa centralização/concentração urbana não é exclusivamente oriunda do agronegócio (Volochko, 2015). Historicamente, diversos processos socioeconômicos, a exemplo do extrativismo e mineração, transformaram a dinâmica da região. Atualmente, o agronegócio passa a se consolidar na fronteira e impor suas lógicas no campo e na cidade.

Neste momento, discute-se a ideia de cidade-campo, que se refere à unidade espacial que engloba, de forma contraditória, os espaços urbanos e rurais, intrinsecamente relacionados. Para isso, parte-se da compreensão de que a passagem do meio técnico para o meio técnico-científico-informacional perpassou pela condição e resultado da disseminação da globalização nas regiões periféricas, a exemplo da fronteira amazônica. Nesse contexto, houve um período de relevantes transformações nas dinâmicas socioespaciais no Brasil, que se deram de forma pontual e dispersa, indicando fluxos de modernidade associados aos processos globais (Santos e Silveira, 2001).

Com base na inserção de uma agricultura mecanizada no sudeste paraense, por meio da expansão da fronteira agrícola, busca-se compreender as transformações espaciais decorrentes desse processo. Destaca-se o papel do Estado, que foi o principal agente da integração do espaço amazônico na lógica de reprodução de capital consolidada, com políticas de integração nacional e fornecimento de infraestrutura. Após um período de consolidação, houve a normatização do território para atender a uma lógica de mercado internacional de commodities (Arruda, 2007).

Com o advento do agronegócio globalizado se consolidando na Amazônia, principalmente no Sul e Sudeste do Pará, há uma organização espacial das cidades, no que se refere ao comércio de bens e serviços que dão subsídios à produção no campo. Tal fator contribui, de forma relevante, para o surgimento de novos dinamismos econômicos nesses centros urbanos. Deste modo, observa-se um maior adensamento nas relações entre campo e cidade. Concorde-se com os estudos de Santos (2001), no qual este autor afirma que, na fronteira gerida pelo agronegócio, as cidades adquirem a função de suprir de imediato às necessidades das atividades agrícolas presentes no campo, isso se refere tanto à técnica quanto à informação.

A atividade agropecuária na região amazônica avança com a agricultura científica, que modifica as antigas formas de integração, adaptação e uso da terra. A fronteira amazônica, que antes tinha características de “dificuldade” para a produção agrícola, agora, com o advento de tecnologias de precisão, tem o uso e o comando do espaço agrícola alterados. Isso implica que, se há modificações no uso do espaço, também há transformações no modo de apropriação de terras, de produção e nas relações de trabalho no campo (Santos e Silveira, 2001).

O papel das rodovias foi decisivo para o processo de urbanização e de crescimento econômico na Amazônia, especialmente a BR-230, que possui uma função geopolítica e estratégica para a ocupação do território. Esse contexto favoreceu o desenvolvimento de inúmeras cidades ao longo dos eixos rodoviários e intensificou o processo de urbanização. No sudeste paraense, o Estado assegurou a inserção de tecnologias avançadas de produção agrícola nas cidades, que contam com a instalação de equipamentos urbanos. Em algumas dessas cidades, observa-se uma constante modernização do espaço. Atualmente, algumas

dessas cidades pioneiras exercem um papel significativo na organização da fronteira agrícola, funcionando como centros econômicos regionais (Becker, 2004).

No que se refere às porções Sul e Sudeste do Pará, o processo de urbanização apresenta marcas expressivas de conteúdos socioespaciais relacionados às atividades produtivas ocorridas no campo. Por esta razão, percebe-se uma nítida interferência das dinâmicas agrárias com rebatimentos na cidade. Serviços ligados ao que Elias (2006, 2007) chama de consumo produtivo do campo alteram a dinâmica das cidades. Entretanto, diferente do processo já constatado pela autora em questão, no que diz respeito às cidades do agronegócio, no caso paraense, as expressões do circuito econômico do campo em cidades paraenses do Sul e Sudeste do Pará reproduzem uma relação campo-cidade moderna de forma relativa à cidade do agronegócio, anteriormente citada, fenômeno, ainda, acrescentado por outras forças econômicas, a exemplo do minério.

A economia de *commodities* no sudeste paraense

No primeiro momento, é essencial reconhecer que a demanda por *commodities* é impulsionada por diversos fatores de ordem econômica, social e global. Como, por exemplo, a expansão da economia mundial, a retomada pós-pandemia e as oscilações entre preços e oferta. Uma compreensão aprofundada desses fatores contribuirá significativamente para esclarecer o motivo dessa incessante busca por produtos minerais e pecuários em larga escala. No que se refere à região Sudeste do Pará, notadamente Marabá, essa demanda se entrelaça com o papel fundamental desempenhado pela região na produção e exportação de *commodities*.

Neste contexto, a interação entre o global e o local se faz presente, pois os processos globais, como a troca de informações e as importações internacionais, exercem um impacto substancial no sudeste paraense. Atualmente, a noção de local se torna global graças ao avanço tecnológico, que diminui as barreiras geográficas (Haesbaert, 1994). Isso marca uma nova fase na compreensão dos processos de regionalização, que não se limitam mais à contiguidade territorial, mas também se integra de forma reticular. Conforme destacado por Haesbaert (1994), a análise da região exige a consideração de sua extensão espacial e sua significância no contexto político-econômico e sociocultural. Nesse sentido, os elementos intrínsecos à região proporcionam uma abordagem específica para examinar o processo de regionalização. Destaca-se que a cidade de Marabá desfruta de uma localização geográfica estratégica, caracterizada pela sua função como zona de entreposto, pela abundância de recursos naturais e pela presença de uma rede ferroviária vital para a região Sudeste do estado do Pará.

A crescente demanda por matérias-primas e produtos agrícolas por parte das economias emergentes, juntamente com o aumento dos preços, tem impulsionado significativamente a atração de investimentos. Isso resultou na mobilização de recursos endógenos para a região, especialmente nas áreas de agricultura e mineração. Consequentemente, observa-se uma reconfiguração das práticas agrícolas e uma reestruturação na divisão territorial do trabalho, com impactos profundos na região sudeste paraense, que se assemelha à realidade do nordeste brasileiro, estudada por Elias (2013 e 2015), notadamente, integrantes de um circuito da economia urbana (Santos, 1985, 1994 e 2000).

A reestruturação produtiva, influenciada pela economia voltada para a exportação de *commodities*, tem o potencial de remodelar a divisão territorial do trabalho em uma região. Isso afeta a especialização econômica, a criação de empregos, o desenvolvimento de infraestrutura e os fluxos migratórios. No contexto das *commodities* agrícolas, a região passa por uma reestruturação que impacta tanto a base técnica quanto a econômica e social do setor. As obras de Santos (1994 e 1996) ressaltam que essa reestruturação resulta em uma

reorganização tanto nas áreas rurais quanto urbanas, intimamente ligadas à expansão dos sistemas de objetos e sistemas de ação.

A partir dessa reestruturação na agropecuária, novos arranjos territoriais produtivos emergem alinhados com a escala internacional e organizados segundo as lógicas de mercado. Estas áreas se destacam como pontos centrais no cenário agrícola da Amazônia, onde as dinâmicas de mecanização da produção e desenvolvimento espacial são mais evidentes. Ainda de acordo com os estudos de Santos (1994, 1996 e 2000), observamos que nesses locais, o meio técnico-científico-informacional substitui progressivamente o meio natural e o meio técnico, e o faz de forma particular de acordo com a particularidade regional.

Nos estudos de Elias (2003, 2006 e 2016), observam-se as novas possibilidades de fluidez do espaço somadas à que a revolução tecnológica, vem proporcionando a intensificação da forma capitalista de produção na agropecuária. Promove-se assim uma verdadeira reestruturação produtiva no setor. A partir dessa reestruturação, muitos novos espaços agrícolas, como a região do sudeste paraense, podem ser incorporados à produção e ao consumo globalizado da agropecuária.

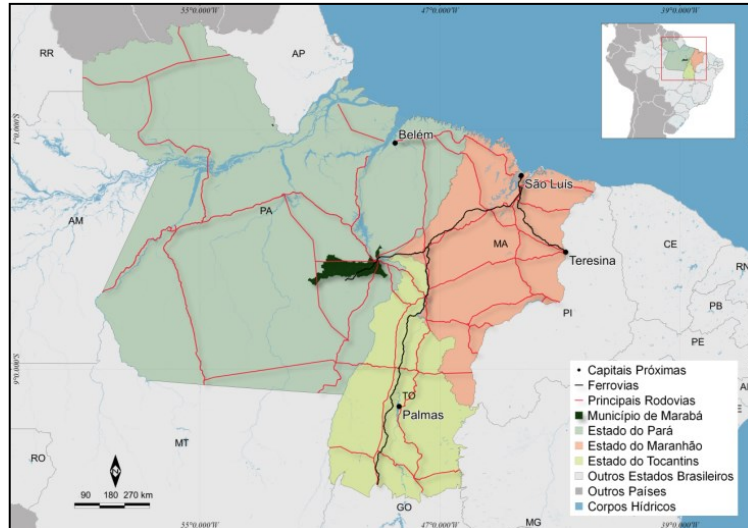
Com a integração do agronegócio globalizado na região sudeste paraense, surgem transformações nas práticas agrícolas e uma reestruturação econômico-social progressiva em cidades próximas ou inseridas nessa área. A agricultura, nesse contexto, se alinha com os requisitos da agricultura científica globalizada (Santos, 1994, 2000 e 2001) e essas cidades passam a desempenhar um papel fundamental como condições de produção para a agricultura moderna na região.

Desta forma, parte do espaço urbano de Marabá está organizada para atender à demanda de produção agropecuária da região, impulsionando o surgimento de novas funções regionais. Esse fator desempenha um papel significativo nas transformações territoriais, sociais e econômicas ocorridas na cidade de Marabá. Além disso, esse contexto dá origem a novas formas de interação entre a cidade e o campo, que emergem em resposta às práticas agropecuárias da região, incluindo o cultivo de grãos e, especialmente, a produção de carne bovina, estas últimas consideradas *commodities* destinadas a atender à demanda do mercado externo. As atividades relacionadas ao agronegócio demandam adaptações urbanas para a devida provisão de infraestrutura capaz de atender às necessidades do setor rural.

Desde a década de 1970, a cidade de Marabá tem emergido como uma das mais importantes na região do sudeste paraense. A criação e construção da rodovia Transamazônica entre 1970 e 1971, bem como as vias PA-70 (agora BR-222) e PA-150, consolidaram a cidade como um ponto estratégico para a circulação dos capitais financeiro e industrial na região. Os recursos naturais, incluindo minerais, madeira e energia, desempenharam um papel fundamental na configuração do espaço regional, transformando o sudeste paraense em uma região produtora de minerais em grande escala. Devido à sua localização geográfica favorável e às redes tecnopolíticas bem estabelecidas, Marabá se tornou um importante centro de comércio regional e para outras cidades, como mencionado anteriormente. Esse contexto marca a terceira fase significativa na formação socioespacial de Marabá e da região em que está situada. As condições históricas que promoveram o desenvolvimento de Marabá são reforçadas pela sua importância como cidade média (Trindade Jr. *et al*, 2016).

No mapa a seguir, podem-se observar como essas relações socioeconômicas estão representadas geograficamente, destacando as rodovias e ferrovias que estão interligadas a Marabá atualmente.

Figura 2. Mapa da situação geográfica de Marabá.



Fonte: Elaboração própria com base em dados do IBGE, 2023.

Marabá possui uma localização estratégica com uma longa história de importância econômica. A cidade está posicionada de forma estratégica em relação a mercados nacionais e internacionais, o que a torna um polo atraente para a produção e exportação de *commodities*. O mapa acima evidencia a sólida conexão de Marabá com os estados vizinhos, Maranhão e Tocantins, através de uma extensa rede de rodovias e ferrovias. É por meio desses modais de transporte que as *commodities* são exportadas até os portos.

É crucial destacar que cidades médias, como Marabá, desempenham papéis centrais como núcleos urbanos e logísticos. Essas cidades abrigam infraestruturas de transporte que conectam as áreas de extração de minerais e produtos agrícolas aos portos e mercados globais, desempenhando um papel crucial na cadeia de abastecimento.

Dessa forma, uma parte significativa do espaço urbano de Marabá se organiza para atender à crescente demanda da produção agropecuária na região, dando origem a novas dinâmicas regionais. Esse processo desempenha um papel fundamental nas transformações territoriais, sociais e econômicas da cidade de Marabá. Além disso, essa transformação dá origem a novos tipos de interações entre a área urbana e rural, moldadas pelas atividades agropecuárias locais, incluindo o cultivo de grãos e, sobretudo, a produção de carne bovina. Essas *commodities* são produzidas com o propósito de suprir a demanda do mercado internacional. Para que essas atividades do agronegócio ocorram, é necessário que a cidade se adapte e disponha da infraestrutura adequada para atender às necessidades do campo.

No contexto dessas *commodities* e se baseando na estruturação dos circuitos da economia urbana, conforme a teoria de Santos (1979), que considera as relações entre o circuito superior e o inferior da economia, é evidente que Marabá continua a ser fortemente influenciada por dinâmicas recentes de expansão na mineração e na pecuária (Michelloti, 2019).

Essa análise reconhece que essas duas principais atividades econômicas, pecuária e mineração, influenciam as dinâmicas urbanas e rurais na região sudeste paraense. Essas mudanças econômicas podem estar relacionadas a alterações na divisão internacional do trabalho no campo, implicando a reconfiguração das atividades econômicas e gerando consequências na organização dos espaços urbanos e rurais da região.

Para compreender a relação entre o agronegócio e a mineração em Marabá é essencial analisar os dois circuitos urbanos da economia. Uma dualidade notável ocorre no

uso da terra, exemplificada pela supervalorização das terras destinadas à pecuária. Essas terras têm um valor específico para seus proprietários quando utilizadas para a pecuária. No entanto, essas mesmas terras podem ser direcionadas para atividades mineradoras, como locais de descarte de rejeitos de minério. Nesse cenário, a terra assume dois propósitos, pertencendo também a uma empresa mineradora (Michelloti, 2019). É importante observar que há diferenças nos preços das terras, dependendo de sua destinação. Quando uma terra é indicada como área potencial para a mineração, não ocorre um aumento evidente em seu valor. Portanto, embora se argumente que a pecuária e a mineração coexistem em Marabá, essa coexistência não pode ser plenamente comprovada por meio de dados econômicos relacionados aos preços das terras.

Assim, é essencial reconhecer que as dinâmicas econômicas em Marabá desempenham papéis diversos, porém interligados, na moldagem do espaço urbano e nas mudanças que ele atravessa. Isso não só se manifesta na criação de novos polos urbanos através da chegada de novos atores econômicos e da construção de infraestruturas urbanas de grande porte, mas também na ampliação das disparidades socioespaciais na região.

É através das operações conduzidas por atores econômicos dominantes em diversos setores produtivos que regiões como o Sudeste do Pará ganham uma presença marcante na divisão internacional do trabalho. No entanto, essa dinâmica não necessariamente altera as tradicionais funções regionais na estrutura econômica global, particularmente aquelas relacionadas ao modelo agrário-exportador. Além disso, a distribuição interna dos recursos provenientes da agropecuária e da mineração nem sempre se traduz em benefícios abrangentes para toda a sociedade regional, muitas vezes agravando as desigualdades sociais no ambiente urbano e fragmentando a região, como argumentado por Souza (1997). A partir de uma análise mais crítica, baseada nos estudos de Harvey (2005), considera-se que o espaço não é apenas um cenário passivo onde as atividades econômicas ocorrem, mas é ativamente produzido e moldado pelas demandas do capitalismo. Dentro dessa lógica, o espaço é reorganizado para maximizar a acumulação de capital, o que conseqüentemente resulta em exacerbadas desigualdades espaciais e sociais.

Nestes termos, a influência da agricultura científica globalizada no território amazônico se traduz em várias expressões político-geográficas de grande relevância. Primeiramente, observa-se a aceleração na formação de novas regiões produtivas, a exemplo do sudeste paraense, um fenômeno evidenciado por Elias (2011). Além disso, percebe-se a implantação de importantes capitais fixos, como rodovias, ferrovias, portos e cidades, que têm sido fundamentais para o desenvolvimento desse modelo produtivo. A crescente especialização territorial na produção de commodities agrícolas, principalmente para exportação, é outra característica marcante. Isso amplia a divisão territorial do trabalho, conforme descrito por Santos (1994). A centralidade da logística também se destaca a exemplo da cidade de Marabá, como ressaltado por Castillo (2016), e, por fim, observa-se a crescente subordinação dos produtores locais a uma lógica global, reduzindo seu controle sobre as atividades produtivas.

Com a expansão do agronegócio no sudeste paraense e a adoção de um novo paradigma na produção agropecuária, a região se inseriu nos circuitos espaciais de produção do sistema alimentar globalizado, acarretando significativas transformações nas relações de trabalho. Assim, a transição no modelo de produção vem acompanhada de um significativo aumento na demanda por trabalhadores no setor agrícola (Elias, 2006, 2013 e 2015).

Junto com as novas abordagens da agricultura baseada na ciência, torna-se evidente a crescente necessidade de contar com uma força de trabalho especializada no sudeste paraense, uma região em que o agronegócio desempenha um papel significativo,

sobretudo a partir do processo de integração territorial feito no Brasil da segunda metade do século XX em diante. Essa tendência é resultado da disseminação abrangente de capital, de tecnologia e das informações na atividade agropecuária local, ao levar em consideração uma maior especialização nas tarefas e nas funções produtivas, bem como administrativas. Paralelamente, ocorreram mudanças significativas tanto qualitativas quanto quantitativas nas funções tradicionais, com impactos importantes no mercado de trabalho agrícola (Elias, 2003, 2006 e 2013). Além disso, a atividade de produção e exportação de *commodities* pode criar empregos diretos e indiretos em toda a cadeia produtiva, abrange-se áreas como transporte, logística, manutenção, serviços auxiliares e até mesmo setores de suporte, como educação e saúde para a população local.

No intuito de compreender a dimensão da atividade agropecuária, analisam-se dados do boletim agropecuário paraense, que destacam a importância do sudeste paraense tanto para a economia estadual quanto nacional. Isso se deve ao fato de que, entre os cinco maiores rebanhos do Pará, quatro estão localizados nessa mesorregião em evidência. O crescimento mais notável ocorreu em Marabá, que, em 2012, possuía um rebanho de 660.000 cabeças de gado. Em 2019, esse número havia saltado para 1.136.100, posicionando o município em segundo lugar entre aqueles que possuem os maiores rebanhos no Pará. Esse aumento representa um significativo incremento de 89,35%. Marabá manteve essa posição em 2021, com 1.500.000 cabeças de gado (Boletim agropecuário paraense, 2022).

Além de uma análise estatística, é importante destacar alguns fatores que estão relacionados a esse notório aumento do rebanho no sudeste paraense. Esses dados refletem diretamente a realidade da região, que é marcada pela concentração fundiária e, atualmente, pelo avanço do meio técnico-científico-informacional. Compreende-se que a concentração fundiária na região é resultado de um processo histórico de apropriação de terras por grandes proprietários, que se beneficiaram de incentivos fiscais, créditos subsidiados, obras de infraestrutura e projetos de colonização promovidos pelo Estado desde a década de 1970. Esses grandes proprietários, em sua maioria, dedicam-se à pecuária extensiva, que ocupa grandes áreas de pastagem, o que possibilita o aumento constante do rebanho bovino.

É importante destacar também que a mineração, sendo o principal setor econômico da região, desempenha um papel significativo na economia de *commodities*, algo que remete a uma espécie de par importante junto com o agronegócio. No município de Marabá em 2022, o setor de mineração exportou um total de 712.573.730 toneladas, incluindo minério de cobre e seus concentrados, bem como minérios de manganês e seus concentrados, gerando um valor FOB¹ de US\$ 1.330.172.753,00 (Comex Stat, 2023). Essa produção voltada para o mercado externo inseriu o sudeste paraense na divisão internacional do trabalho, assumindo a função de exportador de matéria-prima. Essa inserção trouxe novas atividades produtivas que redefiniram a dinâmica socioespacial da região, a exemplo das empresas de logística, transporte e armazenamento, entre outros tipos de serviços que dão apoio à produção e exportação. Além disso, esses novos tipos de trabalho desempenham um papel fundamental na compreensão das dinâmicas territoriais atuais (Santos e Silveira, 2001 apud Pereira, 2010).

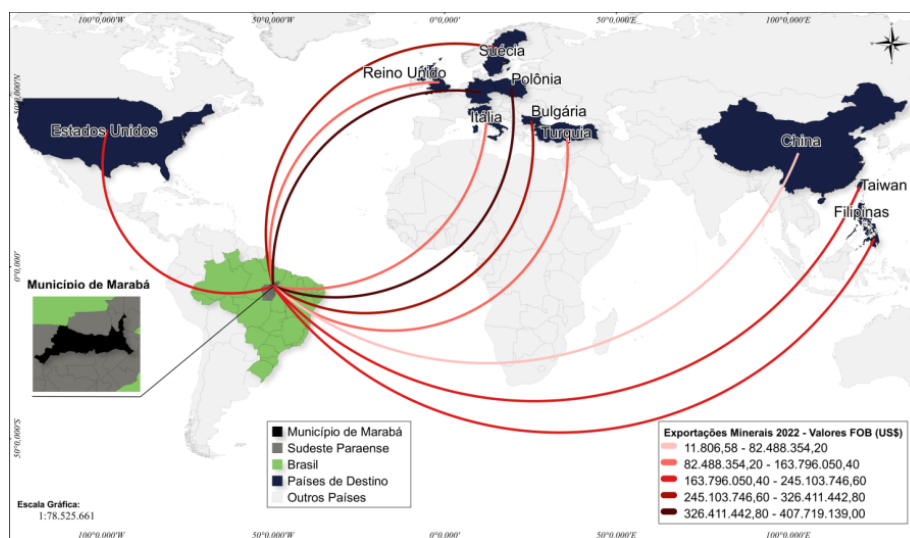
Em resumo, as informações representadas no mapa a seguir (figura 3) destacam Marabá como um relevante exportador de minério de cobre, com a Alemanha, Polônia e Suécia como seus principais destinos. A diversificação dos compradores, bem como a exportação de produtos específicos para os Estados Unidos, enfatiza a importância das

¹ Os valores *Free On Board* (FOB) indicam que o exportador que envia a mercadoria é responsável pelos custos de transporte e seguro da carga apenas até o momento em que ela é embarcada no meio de transporte designado (por exemplo, navio). A partir desse ponto, a responsabilidade pelo pagamento do transporte e do seguro é transferida para o comprador (importador).

exportações de minério de cobre para a economia local. Esses dados proporcionam uma visão clara da posição de Marabá no mercado internacional de *commodities* e de suas relações comerciais com diversos países.

Ao consultar o mapa abaixo (figura 3), fica evidente a interconexão entre o âmbito global e o local, uma vez que os processos globais, como as importações internacionais, têm um impacto palpável na cidade de Marabá. No contexto atual, a esfera local pode adquirir uma dimensão global devido à superação das barreiras geográficas, facilitada pelo avanço tecnológico (Haesbaert, 1999). Esse mapa ilustra de maneira eficaz como Marabá se insere na economia global, atuando como um importante centro de exportação e demonstrando seu papel significativo no cenário internacional.

Figura 3. Mapa de exportações de Marabá de minérios em 2022.



Fonte: Elaboração própria com base em dados do ComexVis, 2023 e IBGE, 2023.

O mapa (figura 3) mostra os principais destinos das exportações de minérios de Marabá em 2022. A Alemanha é o maior importador de minério de cobre de Marabá, com um valor de US\$ 407.719.139,00 em valores FOB, o que indica uma forte demanda por esse recurso no mercado alemão. Em seguida, aparecem a Polônia e a Suécia, com valores de US\$ 378.929.472,00 e US\$ 233.750.540,00, respectivamente, demonstrando também um grande interesse pelo minério de cobre. Outros países que importam minério de cobre de Marabá, em menores quantidades, são Bulgária, Taiwan e Filipinas, com valores de US\$ 167.373.780,00, US\$ 60.823.376,00 e US\$ 44.141.601,00, respectivamente. Esses dados revelam que Marabá está exportando para diversos mercados internacionais.

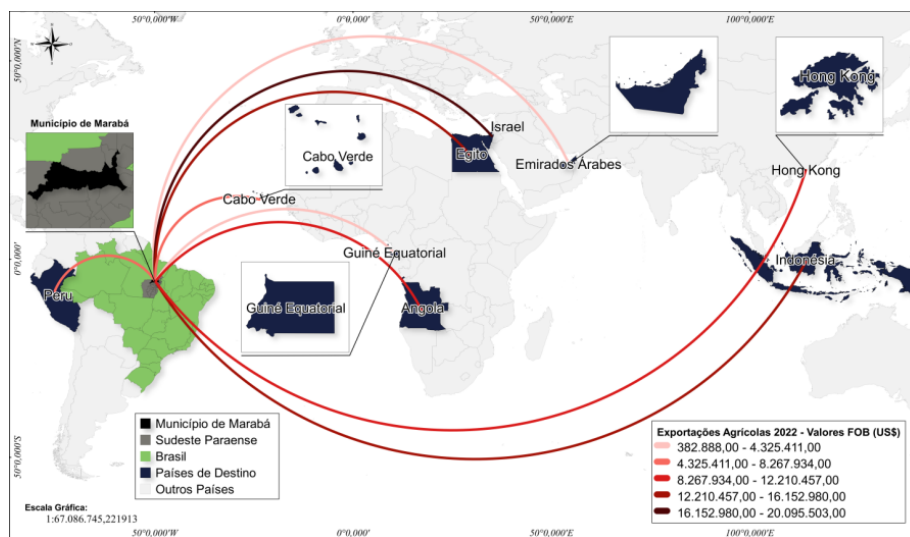
Os Estados Unidos ocupam o quinto lugar entre os compradores, importando US\$ 112.988.292,00. No entanto, é importante observar que suas importações se referem a produtos específicos, como ferro fundido bruto e ferro spiegel (especular) em lingotes, linguados ou outras formas primárias. Isso mostra a diversidade nas necessidades de matérias-primas nos Estados Unidos. Em resumo, Marabá exportou um total de US\$ 1.293.918.688,00 em valores FOB, em 2022, correspondendo a 367.794.232,00 quilogramas.

Em 2022, Marabá exportou um total de US\$ 1.293.918.688,00 em valores FOB, correspondendo a 367.794.232,00 toneladas de minério de cobre. Esses números indicam a importância das exportações de minério de cobre para a economia de Marabá e a diversificação de destinos de exportação.

Por meio de uma análise mais crítica, observa-se que as operações conduzidas por empresas multinacionais envolvidas na extração e exportação de commodities, em diversos setores produtivos, conferem ao Sudeste do Pará uma participação mais proeminente na divisão internacional do trabalho. No entanto, os recursos gerados por essa exportação nem sempre se traduzem em benefícios abrangentes para a sociedade da região. Em muitos casos, esses recursos não promovem o desenvolvimento social e, na verdade, tendem a agravar as desigualdades sociais e a fragmentar a região (Souza, 1997). Segundo Harvey (2005), esse fenômeno é resultado da lógica da acumulação capitalista, que busca incessantemente ampliar a produção e o consumo de mercadorias, sem levar em conta as consequências sociais e ambientais. As *commodities* são produtos padronizados, que podem ser comercializados em escala global, e que têm seu valor determinado pelo mercado. Elas representam uma forma de homogeneização e abstração do espaço, que ignora as particularidades e as necessidades dos lugares e da sociedade.

Após compreendermos a dinâmica das exportações do minério de cobre, agora será realizado um exercício semelhante envolvendo a produção de *commodities* agrícolas, em particular, a carne bovina. O mapa a seguir representa as exportações de carne bovina congelada de Marabá, em valores FOB, para os principais países compradores em 2022.

Figura 4. Mapa de exportações de Marabá de carne bovina congelada em 2022.



Fonte: Elaboração própria com base em dados do ComexVis, 2023 e IBGE, 2023.

No mapa acima (figura 4), observa-se que Israel se destaca como o maior importador de carne de animais da espécie bovina congelada, importando US\$ 20.095.503,00 em valores FOB. A Indonésia e o Egito ocupam a segunda e terceira posição como importadores, com valores de US\$ 11.295.688,00 e US\$ 5.009.812,00, respectivamente. Esses países também demonstram uma demanda considerável por carne bovina congelada. Na sequência, temos Hong Kong com US\$ 3.175.512,00, Angola com US\$ 1.079.974,00, Cabo Verde com US\$ 853.581,00, Peru com US\$ 771.720,00, Guiné Equatorial com US\$ 410.005,00 e, por fim, Emirados Árabes com US\$ 382.888,00.

Vale ressaltar um fator que não está evidenciado no mapa: Israel é o único país entre os mencionados acima que também importa carnes de animais da espécie bovina frescas ou refrigeradas, totalizando US\$ 17.971.697,00 nesse segmento. Somando o total de ambos os produtos importados (carne bovina congelada e carne bovina fresca ou refrigerada), Israel importou US\$ 38.067.200,00 em produtos de carne bovina, o que indica

um mercado significativo para esses produtos no país, e que também destaca sua predominância nas exportações da cidade de Marabá.

Antes de fazer uma análise comparativa entre as exportações de minério de cobre e carne bovina de Marabá, é necessário esclarecer que os valores apresentados nos mapas (figura 3 e 4) não correspondem à produção total dessas *commodities* em 2022, mas apenas ao valor referente aos principais países consumidores desses produtos. Considerando os valores totais dos produtos importados pelos principais países evidenciados nos mapas, observa-se que o minério de cobre representa 95,6% do valor total, enquanto a carne bovina congelada e a carne bovina fresca ou refrigerada representam 4,4%. Isso mostra que o minério de cobre é o principal produto de exportação de Marabá, e que a carne bovina tem uma participação secundária.

Em relação aos principais países de destino, o minério de cobre é exportado principalmente para países europeus, especialmente a Alemanha, a Polônia e a Suécia, que juntos somam 78,8% do valor exportado desse produto. Outros países asiáticos, como Taiwan e Filipinas, também importam minério de cobre de Marabá, mas em menores quantidades. Os Estados Unidos são o único país que importa produtos específicos de ferro fundido bruto e ferro spiegel de Marabá, com um valor de US\$ 112.988.292,00.

Por outro lado, a carne bovina é exportada principalmente para países asiáticos e africanos, especialmente Israel, que importa tanto carne bovina congelada quanto fresca ou refrigerada, somando US\$ 38.067.200,00, o que representa 90,5% do valor exportado de carne bovina. A Indonésia e o Egito também importam carne bovina congelada de Marabá, com valores de 11.295.688,00 e 5.009.812,00 dólares, respectivamente. Outros países, como Hong Kong, Angola, Cabo Verde, Peru, Guiné Equatorial e Emirados Árabes, importam quantidades menores de carne bovina congelada de Marabá.

O valor total das exportações de minério de cobre foi muito superior ao das exportações de carne bovina em 2022, sendo 23,4 vezes maior. No entanto, o preço médio das exportações de carne bovina foi maior do que o das exportações de minério de cobre, sendo 1,4 vezes maior, evidenciando uma maior valorização do produto, em comparação ao outro.

Tudo o que foi discutido anteriormente remete às conclusões de Elias (2003 e 2013) sobre a interação entre globalização, agricultura e urbanização no Brasil. Sob essa perspectiva, o espaço e suas relações com o agronegócio assumem novas configurações, incluindo: uma nova abordagem na gestão urbana do agronegócio; o surgimento de novas formas de organização horizontal e o fortalecimento das conexões entre áreas rurais e urbanas por meio de circuitos espaciais de produção e colaborações no âmbito das *commodities* agrícolas ou produtos agrícolas e agroindustriais de importância; o aumento da verticalização nas produções agrícolas e agroindustriais predominantes; o incremento dos fluxos diários, envolvendo matérias-primas, trabalhadores, capital, tecnologia, informações, entre outros, entre espaços urbanos não metropolitanos localizados nas regiões produtivas do agronegócio, entre outras dinâmicas (Elias, 2003 e 2013).

A lógica de reprodução das cidades do agronegócio no Pará: o caso de Marabá

Nos estudos de Elias (2003 e 2022), observa-se o conjunto de atividades que compõem o agronegócio globalizado, abrangendo a agropecuária, a indústria, o comércio e os serviços. Essas atividades não se limitam ao âmbito rural; pelo contrário, também marcam presença nos espaços urbanos. Nesse contexto, as áreas urbanas próximas às fronteiras do agronegócio assumem novas funções, alinhadas às demandas desse agronegócio globalizado.

Essas demandas são evidenciadas pela expansão do consumo produtivo agrícola (Santos, [1988] 2014; Elias, 2003), diretamente associado às necessidades da produção.

Desta forma, é relevante destacar que nas cidades se concentram grande parte das condições gerais para a reprodução do atual agronegócio. Isso inclui atividades de gestão, bem como o fornecimento de um conjunto diversificado e complexo de produtos, serviços e mão de obra qualificada. Nas cidades, encontram-se indústrias de processamento de soja, fábricas de maquinário agrícola, frigoríficos e empresas de assessoria em agronegócio, entre outros.

Essa lógica remete aos pressupostos teóricos de Carlos (2004), que considera a cidade como a materialização das condições gerais de reprodução do capital. Portanto, a cidade do agronegócio é aquela cujas funções de atendimento às demandas do agronegócio globalizado predominam sobre outras funções urbanas.

Segundo as ideias de Elias (2015, 2022), esse tipo de consumo está diretamente associado às condições gerais de produção do agronegócio, ou seja, aquelas inerentes à reprodução dos meios de produção (bens e serviços) para sua realização. A autora afirma ainda que o crescimento dos comércios e dos serviços voltados às demandas do agronegócio está entre os vetores de incremento da economia urbana, além de promover novas relações campo-cidade. Os comércios e os serviços também são capazes de estimular o processo de urbanização, a reestruturação de cidades e a reconfiguração urbano-regional em áreas onde o agronegócio é relevante na economia e na produção do espaço.

Ao considerar Marabá como um exemplo de cidades médias na região amazônica, é relevante destacar que a cidade possui importância na região sudeste paraense devido à centralidade urbana que exerce (Trindade Jr., 2011). Ao analisar essa centralidade a partir do fenômeno do agronegócio, podemos compreendê-la em relação aos fluxos (Santos, 1996). O espaço urbano de Marabá, por meio da concentração de produtos, de serviços, de oferta de crédito e de decisões políticas, estabelece conexões entre as cidades menores que são polarizadas por ele e por outros centros urbanos situados além da região e até mesmo do território estatal.

Na tentativa de aproximar o debate conceitual da realidade estudada, analisa-se esse trecho da entrevista com o presidente da Associação Comercial e Industrial de Marabá – Acim. O entrevistado relata alguns parâmetros acerca da economia do agronegócio na região e seus rebatimentos na cidade de Marabá:

[...] Como Marabá é uma cidade polo, é a cidade que agrega todas as convergências em favor do agronegócio, para que dê sustentação, para que dê assistência. São mais lojas da área, mais escritórios de apoio para fazer projetos. Então, é... é uma parte da economia que tem importância muito grande e tem crescido muito, tem feito diferença. Se a gente notar, no município de Marabá mesmo, a gente não tem uma produção de grãos muito grande, mas a região toda converge em favor de Marabá. Marabá é o polo; nós aqui damos a sustentação, damos o suporte para toda essa produção, para toda essa é... vertente econômica funcionar. É uma via de mão dupla: Marabá oferece essa base, esse suporte, e recebe também o bônus da agregação de valor, dos seus serviços, da qualificação da mão de obra. Uma coisa muito importante que aconteceu com o agronegócio nos últimos anos foi a profissionalização. Hoje, a gente não tem mais é... simples fazendas; nós temos empresas rurais. Isso, de qualquer forma, exige mais qualificação, exige mais investimento em... em... tecnologia. E a reboque vêm todas as benesses que beneficiam o município e a cidade (Entrevista concedida pelo Presidente da Acim, 2024).

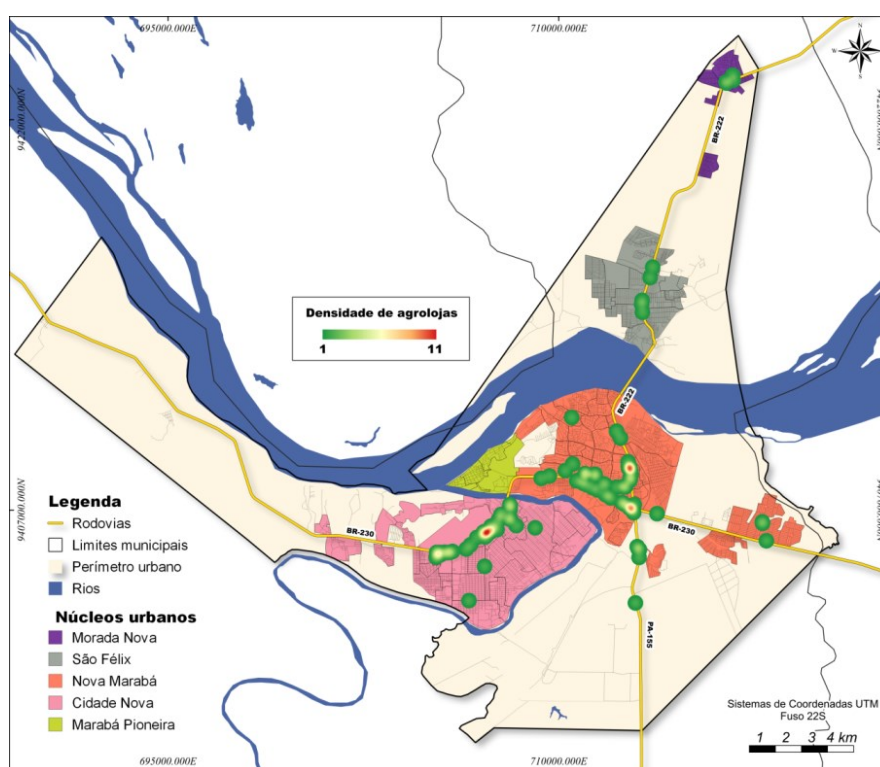
A fala do entrevistado reforça algumas temáticas importantes. Compreende-se que a dimensão econômica do agronegócio vai além dos limites da zona rural de Marabá, reconfigurando o conceito e a realidade da relação cidade-campo na Amazônia, especificamente na porção Sul e Sudeste do Pará. O espaço urbano de Marabá, portanto, emerge como o principal foco não apenas do município, mas também da região em que está

inserida, exercendo um papel centralizador. Nesse espaço, há uma concentração das principais atividades comerciais, de serviços técnicos e financeiros que apoiam o setor agropecuário.

Conforme os estudos de Coy (2020) e Elias (2011), é evidente que a concentração dos serviços que atendem ao agronegócio está intrinsecamente relacionada ao papel central exercido pelas cidades. As cidades emergem como centros de comando da economia regional, pois são nelas que se localizam as atividades que visam atender às exigências de um campo modernizado. De acordo com Elias (2011), esse fenômeno impulsiona a especialização funcional, uma característica significativa em cidades do agronegócio.

Para elucidar essas ideias, utiliza-se o mapa abaixo (Figura 4) com o objetivo de compreender a concentração e distribuição espacial dos estabelecimentos que atendem diretamente ao setor agropecuário na cidade de Marabá:

Figura 4. Marabá: Nível de concentração de comércio e serviços ligados ao agronegócio.



Fonte: Elaboração própria com base em dados do trabalho de campo, 2024.

O mapa (Figura 4) evidencia que a maior concentração dessas agrolojas está localizada ao longo das principais rodovias que permeiam o perímetro urbano de Marabá: a BR-230 e a BR-222. Essa distribuição reflete a lógica da fluidez territorial, proporcionando condições rápidas e eficazes de circulação, tanto para produtos que subsidiam a produção no campo quanto para as pessoas.

Esse processo é resultado de uma economia globalizada e, conseqüentemente, cria uma nova hierarquia territorial, baseada nas condições de fluidez oferecidas por cada lugar ou região (Santos e Silveira, 2001). Como já mencionado, o espaço urbano de Marabá ganha destaque na região Sudeste do Pará, pois oferece produtos e serviços especializados para o agronegócio, atraindo um grande fluxo de pessoas que se deslocam de outras cidades ou áreas rurais para Marabá. De acordo com o IBGE, em 2019, Marabá ocupava a 12ª posição no ranking das cidades brasileiras que mais fornecem insumos, maquinário e implementos agropecuários. Além disso, destacou-se na 11ª posição em termos de oferta de assistência técnica (IBGE, 2019).

Durante a realização do trabalho de campo, foram contabilizados pelo menos 130 estabelecimentos que atendem diretamente à economia do agronegócio. Desses, 83 estão localizados ao longo das principais rodovias, ou seja, representam 63,85% do total. Isso reforça a importância das rodovias com suas fluidez para o sucesso desses empreendimentos. Além disso, sabe-se que essas rodovias desempenham um papel crucial como corredores de exportação das *commodities* produzidas na região.

Assim como nos estudos de Coy (2020), é importante identificar a distribuição dos principais estabelecimentos voltados ao agronegócio ao longo das principais rodovias. No espaço urbano de Marabá, as atividades que mais se destacam pela quantidade de estabelecimentos comerciais são aquelas relacionadas a insumos químicos, às máquinas e aos equipamentos.

As rodovias têm sido e continuam sendo utilizadas como vetores de crescimento para a cidade de Marabá. Vale ressaltar que a BR-230 ainda é a mais utilizada, tendo sido incorporada em boa parte de seu sítio urbano. Em algumas áreas da cidade, ela se assemelha mais a uma avenida do que a uma rodovia tradicional. No segmento que atravessa o perímetro urbano, é notável a presença significativa de estabelecimentos comerciais, prestadores de serviços e até prédios públicos. Somente na BR-230 é possível identificar, no mínimo, 50 negócios voltados para o comércio e para os serviços relacionados a maquinário, equipamentos e/ou implementos agrícolas, variando desde oficinas mecânicas locais até grandes redes de lojas nacionais. É importante destacar também a existência de concessionárias de renomadas marcas internacionais (John Deere, New Holland e Massey Ferguson) situadas ao longo da BR-155.

Em Marabá, observa-se uma forte procura por localizações próximas às principais rodovias, o que elevou significativamente o preço dos imóveis. Atualmente, apenas os empreendimentos cujo lucro é diretamente influenciado pela localização continuam a buscar pontos nessa área. As agrolojas estão estrategicamente situadas de acordo com o poder de compra dos empresários. Nas principais vias, encontram-se as lojas de grandes redes, como Nutrisolo, Reimac, Nutrinorte, Brasil Rural etc., enquanto as de capital mais 'familiar' localizam-se fora do eixo central. Contudo, em ambos os casos, a visibilidade é uma condição vinculada ao valor do solo urbano, evidenciando que os espaços mais acessíveis são também os mais valorizados.

Devido ao papel de Marabá como centro irradiador de produtos através das agrolojas, é comum observar um fluxo intenso de veículos nas principais rodovias urbanas da cidade. Em determinados horários do dia, longas filas de caminhões transportando grãos e bovinos podem ser vistos. Além disso, há um constante movimento de caminhonetes e outros veículos menores, frequentemente utilizados por produtores rurais e empresas do setor para deslocamentos entre o campo e a cidade.

Em entrevista realizada com o supervisor de vendas de uma das maiores lojas do ramo de grãos, o entrevistado reforça a ideia discutida, ao explicar que:

[...] as duas filiais, um e dois, atendem tanto à região de Parauapebas, Xinguara, Redenção, Eldorado dos Carajás, Curionópolis, vai até Novo Repartimento, Cajazeiras, Itupiranga. Ali para a região de Rondon, Abel Figueiredo, Jacundá, Nova Ipixuna. [...] até a região ali próxima de Belém, Mão do Rio, é... Abaetetuba, nós temos clientes, então é regional aqui. Fora as outras filiais que a gente também tem em Anapu e Altamira que atendem aos municípios próximos (Entrevista concedida pelo supervisor de vendas de uma das maiores empresas de grãos no Brasil com sede em Marabá, 2024).

Pela fala do entrevistado acima, observa-se uma territorialidade da loja, reforçada pelos aportes espaciais que Marabá possui sendo esta uma cidade nodal no processo de fluidez territorial, tal como apontam Santos e Silveira (2001). Essa centralidade urbana é evidenciada pela concentração estratégica das agrolojas ao longo das principais rodovias,

como a BR-230. Essas vias não apenas facilitam a circulação de produtos e serviços, mas também reforçam a importância regional de Marabá como um eixo para o agronegócio. É importante salientar, que o adensamento dos estabelecimentos de comércio e serviços agropecuários ao longo da rodovia BR-230, tanto no núcleo Nova Marabá quanto na Cidade Nova, é resultado de processos históricos de formação urbana.

Nas cidades do agronegócio, Elias (2011) reforça que o poder público municipal se adapta às exigências do setor e adota políticas que, por vezes, são agressivas para promover uma economia especializada. Essa especialização é impulsionada pelo poder do agronegócio de “impor especializações territoriais cada vez mais profundas e, assim, criar muitos novos fluxos, materiais e de informação” (Elias, 2011, p. 159), atendendo às demandas específicas de produtos e serviços de cada segmento da agropecuária e de demandas externas à região.

Nas regiões onde o agronegócio é predominante, as grandes empresas vinculadas às cadeias agroindustriais emergem como os principais agentes de produção do espaço rural e urbano. Como consequência desses processos, a relação cidade-campo e a urbanização se intensificam. Isso ocorre devido à necessidade dessas cadeias agroindustriais por processos que ocorrem no espaço urbano próximo às áreas de produção e de processamento agrícola. Esse fenômeno contribui para o fortalecimento do crescimento das cidades que são funcionais ao agronegócio, as quais adquirem novas funções, como a gestão desse agronegócio globalizado (Elias, 2011).

Os pressupostos teóricos abordados nas pesquisas de Elias (2006, 2008 e 2011) sobre as cidades do agronegócio apresentam similaridades com a realidade de Marabá. Esses aspectos são destacados na entrevista com o chefe da Secretaria Municipal de Mineração, Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia - Sicom, que dimensiona a influência do agronegócio em Marabá e região:

É muito difícil para gente mensurar, mas hoje você vê outras empresas do setor do agronegócio trabalhando com vendas desses produtos ligados ao agronegócio. Antigamente, só tinha uma ou duas empresas; hoje já tem mais de dez, doze empresas, inclusive empresas que não são daqui ou que também são de empreendedores locais que acabaram migrando por ramo do agronegócio. Mas também você vê que tem outras empresas de atuação a nível nacional que resolveram entrar no mercado de Marabá. Então tem Araguaia, Agroline, é... aí já tem a New Holland, Reimac Campo, é... tem a Intergrãos que é uma empresa que nasceu aqui, mas que acaba também, primeiramente, ela começou só com o comércio e hoje ela já tem indústria, já tem a própria produção dela de grãos. E tem várias outras empresas que chegaram e estão procurando espaço na cidade, seja para atender na prestação de serviço, seja para atender com os produtos. Então isso daí é uma geração de emprego muito forte. Você pode ver as próprias cooperativas de crédito que elas acabam chegando na cidade justamente por conta desse momento exponencial do agronegócio como um todo. A questão da venda dos equipamentos agrícolas, você também vê a abertura de novas empresas e também de empresas que já estavam na cidade e se aperfeiçoaram. É o caso da Revemar, que agora criou uma empresa dentro do grupo chamada Revemar Campo, que é justamente para atender a esse hall de empresas que acabam prestando serviços. A... e tem essa fronteira aqui próxima do município, de soja, de plantações de milho, como também na nossa zona rural mas ainda de maneira tímida. E aí querendo ou não, por sermos o entroncamento na entressafra, alguns números que são bastante assustadores de tráfego de caminhões, bitrens; entre seiscentos a oitocentos caminhões que passam na cidade todos os dias. Então é um negócio assim bastante assustador. Você vê lá o porto de Barcarena; quando se está saindo daqui de Marabá para ir a Belém o fluxo enorme de carretas, o trânsito que é para cruzar o acesso do porto de Vila do Conde na rodovia é muito grande. Então a gente mensura aí que há um impacto bastante significativo. Diferentemente... daquilo que a gente vê aqui durante o dia a dia nos momentos atuais com relação à contratação de emprego do setor da construção civil, do setor do comércio, do setor de serviços e do setor do varejo; a gente não consegue mensurar essa parte do agro porque ela é muito intangível e envolve muitos empregos indiretos. O emprego direto ali impacta na família, impacta nos produtores locais; mas o encadeamento que isso gera acaba colocando dinheiro em outros setores que possam ser ou não ser correlatos ao agronegócio e com isso acaba

aumentando a economia do município. (Entrevista concedida pelo Secretário da Sicom, 2024).

O conjunto de ideias presentes na fala do entrevistado é crucial para compreender o processo de centralização e concentração que as cidades exercem em regiões influenciadas pelo agronegócio. É essencial reconhecer que a centralização é técnica e política, devido ao estímulo de políticas públicas que fortalecem as atividades agrícolas; e econômica, pois é no espaço urbano que se localizam os serviços de consultoria e manutenção dos equipamentos usados no campo, além das fontes de financiamento. Uma análise mais detalhada permite afirmar que essa centralidade pode ser compreendida pela lógica da relação entre fixos e fluxos, proposta por Santos (1996), ou seja, esses espaços urbanos são capazes de estabelecer conexões de capital, pessoas e informações entre as cidades menores por eles polarizados e com outros centros urbanos em escala nacional e internacional.

Os estudos de Frederico (2011) destacam que, nas cidades do agronegócio, é evidente a alta concentração de agências bancárias. Este fator indica a possibilidade de realização de aporte financeiro para a produção. Além disso, a quantidade e a especificidade dos bancos presentes na cidade reafirmam a centralidade exercida por ela em sua região. Em Marabá, há uma vasta quantidade de estabelecimentos que apoiam essa produção regional. Diante deste cenário, o setor agropecuário se vê obrigado a investir fortemente na ampliação da produção. Assim, surge a necessidade de capital para financiar ou aprimorar as estruturas de produção.

Figuras 5 e 6. Agências bancárias localizadas na cidade de Marabá.



Fonte: os autores, 2024.

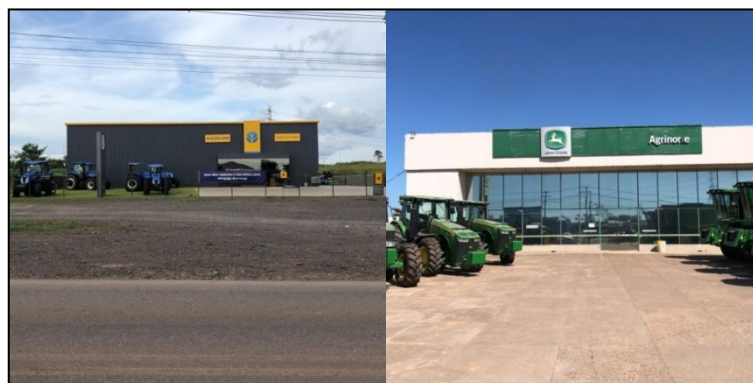
Em resposta à necessidade de capital para financiar ou aprimorar as estruturas de produção, o setor financeiro desempenha um papel crucial. Em Marabá, estão localizadas importantes agências bancárias, como Banco da Amazônia, Bradesco, Banpará, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco Santander, Banco Itaú, Cresol, Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi), Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob). Esses bancos atuam como agentes financeiros, financiando o agronegócio regional. Para isso, essas instituições disponibilizam programas específicos voltados para o produtor rural.

Marabá, assim como consolidadas cidades do agronegócio, a exemplo de Rondonópolis (MT), Rio Verde (GO), Dourados (MS), Unaí (MG) e Sinop (MT), também possui um número significativo de agências bancárias. Portanto, ao se apropriar das ideias de Frederico (2011) e ao compará-las com a realidade de Marabá, nota-se uma similaridade. A cidade exerce a função de uma 'praça financeira' regional, atraindo uma grande quantidade de fluxos de capital e de pessoas, desempenhando um papel de destaque na manutenção da produção regional. Além disso, Elias (2003) argumenta que a presença dessas instituições bancárias reflete o nível de especialização das cidades e a estreita relação entre os circuitos superiores da economia urbana e o agronegócio (Elias, 2003).

As pesquisas de Elias (2011) reforçam que as cidades do agronegócio, especialmente aquelas localizadas em lugares de reserva que foram recentemente inseridas no consumo moderno, apresentam uma rede complexa de fluxos ligados ao circuito superior da economia agrária. A autora explica que essa inserção resultada da reestruturação produtiva na agropecuária, gera inúmeras novas demandas que até então eram inexistentes nessas áreas. Essas demandas impulsionam o aumento quantitativo e qualitativo no número de lojas e nos serviços especializados para atender à essa lógica, muitos deles associados ao circuito superior da economia (Elias, 2011).

A dinâmica que mencionada anteriormente pode ser elucidada na cidade de Marabá por meio da significativa presença de empresas ligadas ao circuito superior da economia. Tomam-se como exemplo as empresas de grupos de capital internacional: John Deere e New Holland. Ambas fornecem equipamentos e máquinas agrícolas de alta tecnologia, sendo símbolos desse circuito superior. Essas empresas não se limitam a fornecer equipamentos, mas também representam a modernização do setor, a inovação e a estreita conexão com mercados globais. A presença desses grupos nas áreas urbanas, como Marabá, remete à centralidade e à importância dessas marcas no contexto do agronegócio regional.

Figuras 7 e 8. Lojas que comercialização equipamentos e máquinas agrícolas.



Fonte: os autores, 2024.

Ambas as empresas destacadas nas imagens estão localizadas às margens da BR-155, adotando a estratégia de fluidez através das rodovias. Elas representam as novas formas de relação entre a cidade e o campo, bem como a mecanização do setor agrícola nas regiões Sul e Sudeste do Pará.

A fim de sintetizar as ideias propostas nesta seção, compreende-se que o fenômeno da urbanização é fundamental para o avanço e consolidação da fronteira na Amazônia (Becker, 1990). Nesse contexto, a cidade de Marabá exerce uma função de centro urbano, fornecendo o apoio logístico necessário para a expansão da produção de *commodities* na região, como a carne bovina e a soja. Com o advento do agronegócio globalizado na região, é notória a entrada de capitais externos, responsáveis por gerar novas lógicas por meio do surgimento e concentração das atividades comerciais e de serviços ligados ao setor. Isso intensifica a centralidade de Marabá em suas diferentes escalas. Além disso, reafirma-se o papel das políticas públicas na atratividade do agronegócio globalizado para o Sul e Sudeste do Pará, especialmente nos investimentos em infraestruturas logísticas.

Com base no debate proposto, pode-se analisar a cidade de Marabá sob uma perspectiva semelhante àquela apresentada nos estudos de Elias (2005, 2006, 2007, 2010, 2012, 2015, 2016, 2022 e 2023), no refere a cidades do agronegócio. Alguns elementos-chave culminam no crescimento acelerado da cidade e em sua relação com o agronegócio moderno. Um exemplo dessa estruturação é a presença de estabelecimentos comerciais e de serviços voltados para o consumo produtivo do agronegócio na cidade de Marabá, especialmente ao longo das rodovias. As rodovias, nesse contexto, funcionam como verdadeiros corredores de

fluxo, caracterizados pela significativa presença de veículos pesados. Grande parte desses veículos estão vinculados às empresas de logística responsáveis pelo transporte de carga agrícola.

Conclusões

Para finalizar esse trabalho, pretende-se frisar algumas análises realizadas ao longo da pesquisa como forma de reunir e sistematizar os principais resultados obtidos. No trabalho, ficou notório que as transformações econômicas alteram significativamente as relações socioespaciais e a organização do espaço urbano de cidades vinculadas diretamente ao agronegócio. Com base nos debates propostos, enfatiza-se que existe uma crescente complexidade na interação entre a cidade e o campo, portanto, cria-se a necessidade da compreensão das transformações nas relações sociais de produção e de trabalho e, com ênfase na realidade da região Sul e Sudeste do Pará, com destaque para a cidade média de Marabá. Nesse contexto, é indispensável a investigação dos processos de modernização agrícola.

No que se refere ao papel do agronegócio globalizado na produção do espaço urbano em Marabá, observou-se que, embora esse tipo de economia tenha crescido consideravelmente, não consegue atingir patamares econômicos iguais ou semelhantes aos de cidades típicas do agronegócio no Brasil. Isso ocorre porque o volume de produção econômica não supera os valores de outros setores da economia do município de Marabá. Nesse aspecto, a lógica do agronegócio em Marabá está em processo, mas ainda não está devidamente consolidada.

Na pesquisa, constatou-se a capacidade do atual agronegócio de promover a especialização dos espaços urbanos para atender ao consumo produtivo do campo modernizado. Essa afirmação é perceptível a partir da análise do crescimento de estabelecimentos que oferecem diretamente serviços para atender às demandas da atividade agrícola. Dessa forma, no que diz respeito aos tipos de serviços, Marabá, por ser uma cidade média ou, como disse um dos entrevistados, uma cidade polo, consegue reunir uma relativa e complexa carta de opções de serviços voltados para o agronegócio, os quais não se restringem à dimensão municipal. Mais do que isso, observou-se que Marabá tem nos serviços uma forte fluidez territorial, por ser um espaço centralizador e difusor de mercadorias.

É notória a forte presença de empresas de capital nacional e internacional nos mais diversos setores do agronegócio. Nesse sentido, as rodovias BR-155 e, principalmente, BR-230 desempenham um papel fundamental para o agronegócio regional. Além de servirem como eixos que orientaram a urbanização da cidade, essas rodovias são consideradas o “cartão-postal do *agribusiness*”. É nelas que estão localizadas algumas das mais importantes empresas do setor, como John Deere, Reimac, Valtra, New Holland, Massey Ferguson, entre outras.

O que foi discutido ao longo deste trabalho revela a importância de produzir um conhecimento crítico sobre as espacialidades criadas pelo agronegócio globalizado em Marabá e no sudeste paraense. Reconhecidamente, esse setor tem importante participação na economia regional e está consolidando os usos corporativos do território em porções crescentes da fronteira amazônica. A análise crítica dessa realidade deve evidenciar as contradições decorrentes da expansão e consolidação desse agronegócio globalizado, pautado pelo modelo de produção e exportação de commodities.

Cabe elucidar que a pesquisa proposta não assume, em seu âmbito, a tentativa de caracterizar Marabá como uma materializada cidade do agronegócio. Diferentemente das consolidadas cidades do agronegócio estudadas por Elias (2005, 2006, 2010, 2012, 2015,

2016 e 2022), o processo histórico de urbanização de Marabá, desde seu surgimento, tem sido moldado por diversas fases econômicas sucessivas, que condicionaram o desenvolvimento do município. Exemplos dessas fases incluem: a borracha, a castanha-do-pará, o diamante, o ouro, a agropecuária, o ferro e as indústrias, além de outros de menor expressão econômica. Tais atividades influenciaram de maneira direta os fluxos migratórios para a região, principalmente para Marabá, o que, posteriormente, tornaram-se um local de uma influência significativa.

Por fim, ficou notório que, atualmente, a cidade de Marabá se vincula ao mercado global com o advento da produção no campo. Essa realidade se caracteriza pelo constante avanço da ciência e das inovações tecnológicas, contribuindo para modificações estruturais e evidenciando novas relações cidade-campo. Essas relações são promovidas pela atividade do agronegócio e pela inserção de Marabá em um agronegócio globalizado. Posto isso, as ações e transformações no espaço urbano ocorrem numa lógica de cidade do agronegócio, ainda em processo constante de transformação, mas que continua a exercer seu papel de polarização econômica e política, juntamente com outras forças da economia regional, como os serviços e a indústria.

Referências

- ARRUDA, Zuleika. **Onde está o agro deste negócio?** Transformações socioespaciais em Mato Grosso decorrentes do agronegócio. 2007. 279 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- ALENTEJANO, Paulo. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Revista de Políticas Públicas**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 303-325, 2003.
- BECKER, Bertha. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1990.
- BECKER, Bertha. Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários? **Parcerias Estratégicas**, Brasília, n. 12, p. 135-159, set. 2001.
- BECKER, Bertha. **Amazônia**: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BECKER, Bertha; EGLER, Claudio. **Brasil**: uma nova potência regional na economia-mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CARLOS, Ana. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.
- CASTILLO, Ricardo; ELIAS, Denise; PEIXINHO, Dimas; BÜHLER, Eve-Anne; PEQUENO, Renato; FREDERICO, Samuel. Regiões do agronegócio, novas relações campo-cidade e reestruturação urbana. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*, v.12, n.18, p. 265-288, 2016.
- COMEX STAT. **Dados de exportação e importação de minério de cobre**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, 2022. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- COY, Martin. Sob o domínio do agronegócio: uma introdução ao tema desta coletânea. In: COY, Martin; BARROZO, João; SOUZA, Edison (Org.). **Estratégias de expansão do agronegócio em Mato Grosso**: os eixos da BR-163 e da BR-158 em perspectiva comparativa. Brasília: Editora Iabs, 2020, pp. 13-23.
- DELGADO, Guilherme. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio**: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012). Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- DINIZ, Clélio. A busca de um projeto de nação: o papel do território e das políticas regional e urbana. **Revista Anpec**, v. 7, p. 1-18, 2007.
- ELIAS, Denise. **Globalização e agricultura**: a região de Ribeirão Preto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- ELIAS, Denise. Agronegócio e desigualdades socioespaciais. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato (orgs.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Fortaleza: BNB/Etene, 2006. p. 25-81.

- ELIAS, Denise. Fronteiras em mutação no Brasil agrícola. In: FELDMAN, Sarah; FERNANDES, Ana (Orgs.). **O urbano e o regional no Brasil contemporâneo**: mutações, tensões, desafios. Salvador: Edufba, 2007. p. 135-151.
- ELIAS, Denise. O Brasil agrícola com áreas urbanas: a cidade do agronegócio. In: OLIVEIRA, José Ademir (Org.). **Cidades brasileiras**. Manaus: Ufam, 2010. p. 147-164.
- ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, p. 153-170, nov. 2011.
- ELIAS, Denise. Relações cidade-campo, reestruturação urbana e regional do Brasil. In: XII Colóquio internacional de geocrítica, 12., 2012, Bogotá. **Anais**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2012. p. 1-16.
- ELIAS, Denise. Globalização, agricultura e urbanização no Brasil. ACTA Geográfica, Boa Vista, Ed. Esp. **Geografia Agrária**, 2013. p. 13-32.
- ELIAS, Denise. Consumo produtivo em regiões do agronegócio do Brasil. In: BELLET, Carmen; et al (Orgs.). **Urbanización, producción y consumo em ciudades medias/intermedias**. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2015. p. 35-56.
- ELIAS, Denise. Agronegócio e reestruturação urbana e regional no Brasil. In: BÜHLER, Eve Anne; GUIBERT, Martine; OLIVEIRA, Valter Lúcio (Orgs.). **Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016. p. 63-82.
- ELIAS, Denise. Pensando a operacionalização de estudos sobre cidades do agronegócio. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 18, n. 1, p. 144-164, 2022.
- ELIAS, Denise. **Formas-conteúdo e nós do agronegócio no Brasil**: reflexões para debate. Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 43, e79073, 2023.
- ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2007.
- ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: SPOSITO, Maria; ELIAS, Denise; SOARES, Bruno. (org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Passo Fundo e Mossoró. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 101-285.
- FAPESPA. **Boletim da Agropecuária Paraense 2022**. Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas, 2023. Disponível em: <https://www.fapespa.pa.gov.br>. Acesso em: 22 mai. 2023.
- FREDERICO, Samuel. As cidades do agronegócio na fronteira agrícola moderna brasileira. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 33, v. 1, p. 5-23, jan./jul. 2011.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **Questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro**. Nova Economia, [s.l.], v. 7, n. 1, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. In: **Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia**. Curitiba: AGB, 1994. p. 206-214.
- HAESBAERT, Rogério. **O território em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: Geo UERJ, 1999.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- IBGE. **Panorama da cidade de Marabá**. Rio de Janeiro, 2019a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/maraba/panorama>. Acesso em: 05 jun. 2024.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1971] 2006.
- MICHELLOTTI, Fernando. **Territórios de produção agromineral**: relações de poder e novos impasses na luta pela terra no Sudeste paraense. 389f. 2019. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- PEREIRA, Mirlei. A inserção subordinada do Brasil na divisão internacional do trabalho: consequências territoriais e perspectivas em tempos de globalização. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 2010, p. 347-355.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, [1994] 2013.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: Edusp, [1988] 2014.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María. **Brasil**: sociedade e território no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Silvana. Urbanização e criação de novos municípios na fronteira agrícola: faces do uso corporativo do território brasileiro. **GeoUSP – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 3-17, 2013.
- TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 13, n. 2, p. 135-151, nov. 2011.
- TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair et al. Uma cidade média na Amazônia Oriental: a centralidade urbano-regional de Marabá no Sudeste Paraense. In: SPOSITO, Maria et al (Orgs.) **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Marabá e Los Angeles. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.
- VOLOCHKO, Danilo. Da extensão do campo à centralização do urbano: elementos para o debate da produção do espaço em Mato Grosso. **Revista Mato-Grossense de Geografia**, Cuiabá, n. 16, p. 18-38, jan./jun. 2013.

Contribuição dos autores

Conceitualização: ALMEIDA, L. N.; SERRA, H. R. H.. **Curadoria de dados**: Não aplicável. **Análise formal**: ALMEIDA, L. N.; SERRA, H. R. H.. **Aquisição de financiamento**: Não aplicável. **Investigação**: ALMEIDA, L. N.; SERRA, H. R. H.. **Metodologia**: ALMEIDA, L. N.; SERRA, H. R. H.. **Administração do projeto**: Não aplicável. **Recursos**: Não aplicável. **Software**: Não aplicável. **Supervisão**: Não aplicável. **Validação**: ALMEIDA, L. N.; SERRA, H. R. H.. **Visualização**: ALMEIDA, L. N.; SERRA, H. R. H.. **Escrita – rascunho original**: ALMEIDA, L. N.; SERRA, H. R. H.. **Escrita – revisão & edição**: ALMEIDA, L. N.; SERRA, H. R. H..

Base de dados

<https://meusite.com.br>

Financiamento

Este trabalho não recebeu nenhum subsídio específico de agências de fomento nos setores público, comercial ou sem fins lucrativos.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Aprovação do conselho de ética

Não se aplica.

Agradecimentos

Não se aplica.
